

Mongólia

NÓMADA

por três semanas

O coração da Ásia Central ainda guarda alguns segredos. A Mongólia é um deles. Um país extenso à guarda de nômadas, os filhos de Gengis Khan. Um país sem fronteiras para um povo sem fronteiras

PEDRO MANUEL MONTEIRO

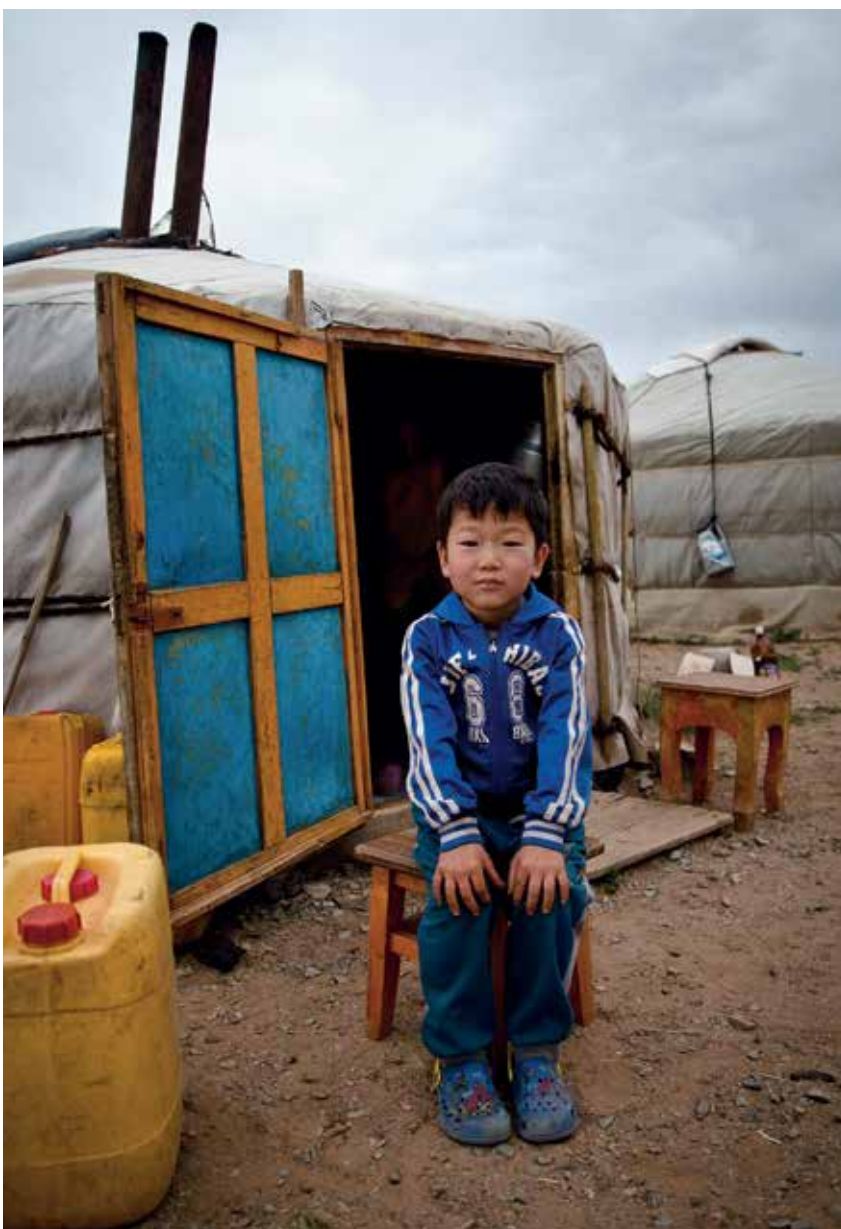
TEXTO E FOTOS



Um vale sem fim abre-se à minha frente. A cidade de Erdenet, pequena e pacata, perdeu-se entre as estepes e montanhas, e são 60 quilómetros de distância que se esticam por algumas horas de viagem entre caminhos improvisados. Começam a surgir pontos no horizonte. Primeiro escuros, que logo descobrimos serem os cavalos mongóis, pequenos e robustos. Depois pontos brancos, os tradicionais *gers* que servem de casa a esses poucos mas afortunados nómadas. A Mongólia é um dos poucos países onde os nómadas ainda são uma realidade. O dia despede-se deles com uma luz quente, dourada e turva. Os nossos condutores abrandam. Saímos das nossas carrinhas de fabrico russo, e sem muitas palavras ou gestos, ficamos ali a saborear aquele momento. Percebemos que também nós somos afortunados.

Subimos, cada um ao seu ritmo, a colina que observa o vale e o mosteiro Amarbayasgalant, um dos maiores da Mongólia e um dos poucos que sobreviveu às purgas soviéticas. Sento-me. Saboreio aquele refúgio de tranquilidade. A paisagem diz-me para ficar por muitos dias. Apetece-me dizer que sim. Aqui e ali surgem-me memórias dos últimos 14 dias. As montanhas, estepes e desertos que têm tanto de belo como inóspito. O ar truículo e rostos fechados dos nómadas que logo dão lugar a sorrisos genuínos. A forma como as famílias nos acolhem nos *gers* e nos fazem sentir como viajantes e não como turistas. O hábito dos nómadas entrarem nos *gers* sem bater à porta, pois fazê-lo seria indelicado. O à-vontade com que os rapazes de sete ou nove anos montam os cavalos e os puxam a galope pelas extensas estepes. As lutas e corridas de cavalo dos famosos nadam, os festivais que no verão celebram as tradições deste povo. Mas também os banhos públicos, que se tornam luxuosos depois de dois ou três dias sem um duche. Os nossos condutores, que inventam pratos vegetarianos para escaparmos à limitada dieta mongol, que repete guisados de arroz e batata, uns poucos vegetais e carne de borrego, cabra e, por vezes, camelo ou cavalo. Tudo isto é a Mongólia. Levanto-me. Sem pressa. Desço a colina. Nessa noite calha cearmos ao ar livre, mas muitas vezes comemos no interior dos *gers*. De facto, estas tendas são o centro de toda a atividade de uma família da Mongólia rural. O mesmo espaço pode servir de sala, quarto e para preparar refeições, confeccionar laticínios e secar as carnes dos animais. A capital, Ulan-Bator, tem crescido, mas mais de metade da população de três milhões de habitantes ainda vive uma vida nómada. Como seria de esperar numa vida nómada, montar e desmontar os *gers* leva apenas algumas horas mas, na verdade, os acampamentos de verão e Inverno encontram-se a escassas dezenas de quilómetros um do outro. Certo dia, encontramos um grupo de crianças que logo nos abordam em Inglês. Contam-nos que no verão vivem com as famílias nos *gers*, e no Inverno mudam-se para as cidades e casas de familiares para frequentar a escola.

Os mongóis vivem essencialmente da criação de cavalos, camelos e gado caprino e bovino, incluindo *yaks*. Os números são impressionantes. Mais de 15 milhões de ovelhas dão leite, lã, carne e peles. As cabras dão a lã de caxemira, tanta, que um terço da produção mundial vem daqui, do coração da Ásia Central. Os cavalos e os rebanhos de ovelhas e cabras andam a monte, a vários vales de distância. Certa manhã acordo e,



COMO CHEGAR

A distância entre Portugal e a Mongólia parece agora mais curta: a MIAT Mongolian Airlines iniciou, no ano passado, voos diretos de Frankfurt para o aeroporto internacional Chinggis Khaan, em Ulan-Bator. Por agora, a MIAT faz dois voos semanais com Boeing 737-800. Se não se importar de fazer mais que uma escala, a MIAT e a Air China oferecem voos diretos a partir de Pequim. Com um pouco de sorte pode ser que encontre um avião da Air Koryo a embarcar passageiros para Pyongyang. Pode também aproveitar os vistos à chegada para conhecer a capital chinesa. Mas antes de começar a planejar o programa para esta escala tenha atenção: as autoridades chinesas são rigorosíssimas nas 72 horas em que o visto é válido.

ao sair do *ger*, reparo que as dezenas de camelos que o rodeavam à meia-noite tinham desaparecido no horizonte. Voltam ao final do dia, reunidos por um dos membros da família montado numa moto. Surpreendo-me com tudo isto. Na verdade, os mongóis nunca foram nómadas bárbaros. O próprio mosteiro Amarbayasgalant foi construído para honrar a memória de Zanabazar, um líder espiritual budista e o poeta, pintor e escultor mais famoso da Mongólia. O extenso território que Gengis Khan e os seus descendentes souberam conquistar abre portas a trocas comerciais que ligam a China profunda e o que é hoje a Coreia, ao Mediterrâneo. Inteligentemente, até para os nossos tempos, Gengis Khan percebe que a intolerância religiosa é uma fonte de conflitos e, por isso, combate-a. Introduce o conceito de imunidade diplomática e direito internacional. Este passado rico convive bem com a simplicidade dos nómadas. Ao fim de 14 dias de viagem percebo que muito fica por descobrir. Os *shamans* e a sua religião pagã que



Jasper Becker, um dos primeiros jornalistas ocidentais a visitar a Mongólia, a seguir à derrocada do totalitarismo comunista, descreve no seu livro. Os cazaques que, na fronteira a norte, caçam com águias e que Jimmy Nelson fotografou tão magistralmente. Mas é natural: a Mongólia estende-se por um território três vezes maior que a França.

Dentro de quatro dias vou ter de me despedir deste país idílico, apanhar um voo para Pequim, e depois outro para Amesterdão, e voltar a um apartamento, horários e rotinas. Apetece-me outra vez ficar mais uns dias ou, num impulso, seguir Marco Polo e ficar por muitos mais. Talvez volte. Antes que tudo mude. Antes que um país onde se pode viajar dê lugar a mais um destino turístico para ser visto e fotografado através de um ecrã tátil de um telemóvel. Penso nos nómadas. Não é justo dizer-lhes para pararem o relógio do progresso, mas podemos – sim, ainda podemos – partir ao seu encontro para os conhecer iguais a si mesmos.